

III SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE
PSICOPATOLOGIA FENOMENOLÓGICA**Fusão e guerra com o desejo: duas formas da experiência hipersexual à luz da fenomenologia**

Louise de Lemos Bremberger
Gabriel Engel Becher

Introdução: As referências à hipersexualidade antecedem a clínica: na Grécia antiga, os Sátiros - conhecidos pela “gozação” - eram retratados com desproporcionais falos eretos. As graciosas Ninfas seduziam homens e deuses para aventuras apaixonadas. Krafft-Ebing (1886) categoriza os comportamentos sexuais desviantes, e inaugura o uso clínico dos termos “satiríase” e “ninfomania” para descrever a sexualidade excessiva em homens e mulheres, respectivamente. **Problemática:** Historicamente, os manuais nosográficos negligenciaram o fenômeno da hipersexualidade. Devotos às manifestações sintomáticas em chave comportamental, suas categorias se distanciam da experiência (inter)subjetiva do ser sexual - da qual duas formas patológicas se destacam: a Compulsão Sexual e a Pseudocompulsão Sexual. **Objetivo:** Discriminar as categorias psicopatológicas da Compulsão e da Pseudocompulsão Sexual. **Método:** Serão apresentadas duas vinhetas clínicas, prototípicas da Compulsão e da Pseudocompulsão Sexual, cuja distinção se mostrará a partir da redução fenomenológica às condições de possibilidade do ser sexual. **Discussão:** 1. R. vive à mercê do desejo sexual. A vivência da Compulsão Sexual é marcada por entrega cíclica à temporalidade do presente erótico, realização sexual sem-fim - em desfavor da assimilação e da sedimentação da experiência. Assim, paralisa-se a abertura a possibilidades para além do objeto sexual. O hiato entre os estímulos eróticos e a ação sexual está virtualmente fundido. Na espacialidade, o pólo da alteridade e o pólo do mundo tornam-se extensão da busca irrefreável pelo prazer. A ausência de distância vivida entre o desejo e a ação disparam um erotismo indiscriminado e destituído de reciprocidade. Com a faceta sexual hipervalorizada, reduz-se o outro (e a si mesmo) à sua porção sexual, mitigando-se o valor da intimidade como aprofundamento na totalidade possível - não existem condições para que as relações amadureçam em direção ao amor. O corpo sexual deixa de ser atmosfera para se soldar ao primeiríssimo plano da experiência. Veículo da intersubjetividade, percebe os gestos do outro saturados de intencionalidade sexual. 2. F. relata vivências sexuais que confrontam sua moralidade, porém não é evidente o padrão

compulsivo. Aqui, o sujeito não está em fusão com seu desejo, mas em guerra. A vivência sexual é hiper-reflexiva, atravessada por juízos morais e idealizações normativas. A temporalidade é dominada pelo presente sexual perfeito, no qual a estética da ordem prevalece: tudo precisa estar onde deve, inclusive o desejo. A espacialidade se polariza rigidamente: pureza e profanação, acerto e erro. Qualquer manifestação sexual afastada dos valores individuais é percebida como risco à ordem, portanto de experimentação impossível sem culpa ou necessidade de reparação. Logo, os aspectos sexuais também se maximizam, como signos privilegiados a um sujeito em constante vigilância das expressões sexuais. Intersubjetivamente, a incansável busca pela conexão ideal paradoxalmente distancia F. da espontaneidade e, finalmente, da entrega sexual.

Considerações finais: Embora ambos sugiram intensificação da percepção sexual, diferem em essência. Na Compulsão Sexual, o desejo se materializa de maneira fusional em direção ao mundo. Na Pseudocompulsão Sexual, não se trata da entrega ao desejo, mas da oposição racional e desmedida. A acentuação da reflexividade diante da experiência sexual paralisa o sujeito entre as expressões do desejo, que repudia e simultaneamente almeja.

Palavras-chave: Compulsão Sexual; Pseudocompulsão Sexual; Psicopatologia Fenomenológica.